

Este glossário foi elaborado para ser usado como material consultivo no ensino de ciências, no sentido de sensibilizar os participantes dos processos de ensino e de aprendizagem para a importância da aproximação entre os vários domínios que se estabelecem nas relações entre os indivíduos do cotidiano escolar. Mais especificamente, o material foi criado visando aproximar termos de cunho científico com seus usos em textos poéticos de Augusto dos Anjos, Manoel de Barros e Clarice Lispector. No processo de elaboração deste material pretendi adotar postura filosófica metodológica embasada na concepção de alguns dos principais conceitos presentes na teoria da Biologia da Cognição – ou Biologia do Conhecer – de Humberto Maturana.

Orientadora: Luciane Mulazani dos Santos

JOINVILLE, 2017

ANO
2017

THIAGO ALEX DREVECK | CIÊNCIA E POESIA: glossário poético-científico à luz da
Biologia do Conhecer



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS - CCT
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E
TECNOLOGIAS - PPGECMT

PRODUTO EDUCACIONAL

**CIÊNCIA E POESIA: glossário
poético-científico à luz da Biologia
do Conhecer**

THIAGO ALEX DREVECK

JOINVILLE, 2017

Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Programa: ENSINO DE CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E TECNOLOGIAS

Nível: MESTRADO PROFISSIONAL

Área de Concentração: Ensino de Ciências.

Linha de Pesquisa: Ensino Aprendizagem e Formação de Professores

Título: Ciência e Poesia: glossário poético-científico à luz da Biologia do Conhecer.

Autor: Thiago Alex Dreveck

Orientador: Luciane Mulazani dos Santos

Data: 10/07/2017

Produto Educacional: livro no formato *ebook*, disponibilizado em .pdf.

Nível de ensino: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Área de Conhecimento: Interdisciplinar.

Temas: Interdisciplinares.

Descrição do Produto Educacional:

Este glossário foi elaborado para ser usado como material consultivo no ensino de ciências, no sentido de sensibilizar os participantes dos processos de ensino e de aprendizagem para a importância da aproximação entre os vários domínios que se estabelecem nas relações entre os indivíduos do cotidiano escolar. Mais especificamente, o material foi criado visando aproximar termos de cunho científico com seus usos em textos poéticos de Augusto dos Anjos, Manoel de Barros e Clarice Lispector. No processo de elaboração deste material pretendi adotar postura filosófica metodológica embasada na concepção de alguns dos principais conceitos presentes na teoria da Biologia da Cognição – ou Biologia do Conhecer – de Humberto Maturana.

Biblioteca Universitária UDESC: <http://www.udesc.br/bibliotecauniversitaria>

Publicação Associada: [TEXTOS POÉTICOS PARA A APROXIMAÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS E OUTROS DOMÍNIOS COGNITIVOS: elaboração de um glossário à luz da Biologia da Cognição]

URL: <https://www.facebook.com/livrocienciaepoesia/>

APRESENTAÇÃO

Caro colega Professor(a),

Tem crescido o número de publicações que admitem a importância da aproximação entre os vários domínios de expressão artística - mais especificamente a literatura - com o domínio do ensino de ciências. Apesar disso, poucos materiais concretos têm surgido para auxiliar na sensibilização desse propósito.

Este glossário foi elaborado para ser usado como material consultivo, visando sensibilizar os participantes dos processos de ensino e de aprendizagem para a importância da aproximação entre os vários domínios que se estabelecem nas relações entre os indivíduos do cotidiano escolar.

No processo de elaboração deste material pretendi adotar postura filosófica metodológica embasada na concepção de alguns dos principais conceitos presentes na teoria da Biologia do Conhecer, admitida por Maturana. Também conhecida como Autopoiese, esta teoria foi proposta no domínio da Biologia.

Como *corpus* de estudo utilizei textos das obras poéticas brasileiras de Augusto dos Anjos e de Manoel de Barros e da obra “Água Viva”, de Clarice Lispector. As três obras apresentam riqueza de termos e/ou imagens que podem dialogar tanto com a ciência, quanto com conversações mais usuais presentes no âmbito escolar.

O material que tem em mãos, prezado leitor, foi proposto com muito afeto para convidar você a desenvolver sensibilidades e consensos no ambiente escolar. Mais especificamente buscando tecer ligações entre o ensino de ciências, a poesia e o cotidiano escolar.

Prof. THIAGO ALEX DREVECK



Ciência e Poesia

Glossário poético-científico à luz
da Biologia do Conhecer

Thiago Alex Dreveck

Thiago Alex Dreveck

Ciência e Poesia

Glossário poético-científico à luz
da Biologia do Conhecer

1ª edição

Edição do autor
2017

Ficha Catalográfica

ISBN

978-85-922899-0-4

Título: Ciência e poesia: glossário poético-científico à luz da biologia do conhecer

Edição: 1

Ano de Edição: 2017

Tipo de Suporte: E-book - PDF

Páginas:154

Autor : Thiago Alex Dreveck

Capa e Diagramação: Thiago Alex Dreveck

Editor: Thiago Alex Dreveck

Este livro foi elaborado como produto educacional desenvolvido entre 2015 e 2017, no curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação no Ensino de Ciências, Matemática e suas Tecnologias (PPGECMT), Área de Concentração Ensino de Ciências, Linha de Pesquisa em Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores, pela UDESC, Joinville-SC, sob orientação da professora Dr^a Luciane Mulazani dos Santos.

Com amor, dedico e agradeço

à professora e orientadora Dr^a Luciane Mulazani dos Santos,
por me ajudar e acreditar que ciência é feita de cotidianos
entrelaçados;

ao professor Dr. Daniel José da Silva, por seus ensinamentos que
para mim transcendem o tempo e o espaço;

ao professor Dr. Luiz Clement, pelo suporte e confiança;

às crianças-poetas que ilustraram este livro e muito me
ensinaram durante as Oficinas de Ciência e Poesia no Cotidiano;

ao Colégio Univille, pela parceria e atenção e - especialmente - à
Thaise J. Correa Cipriani, pela receptividade e apoio na aplicação
das oficinas na turma do Projeto Integral;

ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências,
Matemática e Tecnologias da UDESC, Joinville – SC;

a todos os companheiros(as) e/ou professores(as) de mestrado,
por suas ideias, consensos, olhares e emoções;

à Josefa Maria de Almeida, pela paciência, carinho e companhia;

a Rogério Alfredo Dreveck e Maria de Lourdes Biernazki
Dreveck, pela amizade, conselhos e afeto de pai e mãe;

a Vitor Gabriel Dreveck, por me ensinar a poesia de ser pai.

DESPALAVRA

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.*

*Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapo.*

*Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.*

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

*Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.*

*Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.*

*Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.*

*Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.*

*Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.*

(Manoel de Barros)

SUMÁRIO

Traquejos: Vivências e Motivos	11
Vivências e Feituras	11
Motivos e Indagações	13
Guia ao leitor	17
Sobre a Biologia do Conhecer	18
Sobre a Estrutura do Glossário	20
Lista de Abreviações	25
Glossário Poético-Científico à Luz da Biologia do Conhecer	27
Referências Bibliográficas	147
Dicas Bibliográficas	149
Índice de Termos	153
Sobre o Autor	154

TRAQUEJOS: VIVÊNCIAS E MOTIVOS

“Eis o motivo porque fiz esta ode.”
(Augusto dos Anjos)

VIVÊNCIAS E FEITURAS

Hoje - quando debruço sobre o tempo e me lembro enquanto criança, serzinho em construção - me percebo desde pouca idade como um tímido poeta, um investigador curioso, um extremo imaginador...

Via o mundo com a contemplação e entusiasmo de um viajante que tem em sua frente todas as viagens e aventuras a sondar. Essa força de contemplação e entusiasmo nem sempre continuou – em vários momentos sofreu erosão e por horas beirou a infertilidade.

Não foi fácil resgatar para a vida adulta parte dessas características que em mim eram comuns durante a infância. Esqueci delas em muitos momentos que precisava. Desprazeres foram aparecendo mesclados à minha personalidade cognitiva, empalidecendo o que mais me intrigava.

Ainda não compreendo por completo o conjunto de acon -

tecimentos que me desestimularam e afogaram a espontaneidade cognitiva da criança que eu era. Muito menos conheço todos os nexos sobre a teia de fenômenos que reabilitaram algumas das características cognitivas espontâneas que (re)apareceram a partir da fase adulta. Todavia admito algumas marcas que acredito terem sido importantes nesse processo.

Meu envolvimento com a Licenciatura e com o Bacharelado em Ciências Biológicas me permitiu resgatar e exercitar parte dos anseios cognitivos da infância. Ao longo do bacharelado, voei em experiência ambiental – e ao mesmo tempo poética – a fim de fazer levantamento de espécies da avifauna da Mata Atlântica. Em seguida, por interesse no aprofundamento de questões sociais e culturais contemporâneas, dediquei tempo de estudo e vivência para maior contato com a postura interdisciplinar e transdisciplinar.

Ao passo que minha formação acadêmica acontecia, fui envolvido paralelamente pelos prazeres e desafios implacáveis da descoberta de textos literários. Fui introduzido a esse mundo pelo amigo e escritor da obra *Cem anos de solidão* – que de mim nunca soube. Quando a leitura findou, veio a mim certo sentimento de orfandade pelo abandono da capa fechada. E percebi que estrutura de um texto rico em termos de conotações sociais, psicológicas e científicas, presentes na universalidade da

linguagem literária, poderiam ser tão empolgantes quanto o estudo minucioso de células ao microscópio, projetos científicos e sociais na escola ou encontros fotográficos com aves da Mata Atlântica.

Acredito que um dos fatores que têm me sensibilizado a apreciar essa nostalgia da espontaneidade cognitiva é a vivência diária com crianças e jovens - que em momentos mantêm sua vontade de conhecer livremente, e em outros demonstram terem sido engessados e/ou podados por vivenciar vários anos de contato com os processos de ensinos e de aprendizagens vigentes - e mesmo por muitas outras questões socioculturais associadas.

MOTIVOS E INDAGAÇÕES

Em muitos momentos, me percebi cúmplice da (re)produção de um sistema escolar planejadamente obsoleto, que tem podado a espontaneidade cognitiva dos seus participantes e que nem sempre consegue fomentar momentos de estímulo nas comunidades em que estão inseridas.

Observo que no ambiente escolar, são raros os espaços estimuladores de diálogos mais profundos - que fomentem sensibilidade e consensos - a fim de que os participantes dos processos de ensino e de aprendizagem descubram e construam

seus papéis sociais e cultivem coletivamente o conhecer de maneira espontânea e autônoma. Para piorar, nem sempre o linguajar dos materiais didáticos, dos professores e dos estudantes se aproximam.

Nesse cenário, surgem domínios muitas vezes não tecidos por meio de pontos de consenso. Para ser mais claro, há anos percebo notável distanciamento entre o linguajar científico - que uso para explicar um dado fenômeno durante as aulas de ciências e biologia que medeio - e o linguajar que os estudantes trazem de seu contexto sociocultural.

De certo modo, o impacto que pode ocorrer quando colocados frente a frente linguajares de vários domínios, abrigados em vários indivíduos - surgidos e estimulados em ambientes familiares, sociais e culturais diferentes, pode tornar-se um agravante quando o que está em jogo é explicar para um interlocutor (estudante/aluno), de forma compreensível e/ou não distorcida, um dado fenômeno atrelado aos conceitos científicos.

Além das dificuldades encontradas para aproximar vários tipos de linguajar, alguns fatores acoplados à sociedade contemporânea trazem outros desafios, comprometendo possíveis consensos que tenho buscado nos processos de ensino e de aprendizagem que presencio.



Mas como - no ensino das ciências - é possível promover a aproximação entre as redes de conversações dos estudantes com as redes de conversações de cunho científico?

GUIA AO LEITOR

Tem crescido o número de publicações que admitem a importância da aproximação entre os vários domínios de expressão artística - mais especificamente a literatura - com o domínio do ensino de ciências. Apesar disso, poucos materiais concretos têm surgido para auxiliar na sensibilização desse propósito.

Este glossário foi elaborado para ser usado como material consultivo, visando sensibilizar os participantes dos processos de ensino e de aprendizagem para a importância da aproximação entre os vários domínios que se estabelecem nas relações entre os indivíduos do cotidiano escolar.

No processo de elaboração deste material pretendi adotar postura filosófica metodológica embasada na concepção de alguns dos principais conceitos presentes na teoria da *Biologia do Conhecer*, admitida por Maturana. Também conhecida como *Autopoiese*, esta teoria foi proposta no domínio da Biologia. No entanto, devido ao impacto ontológico e epistemológico acabou por influenciar a forma de pensar de alguns pesquisadores nos domínios das ciências ditas humanas e sociais, mesmo não sendo a pretensão inicial nem o foco da teoria.

SOBRE A BIOLOGIA DO CONHECER

Este *Glossário poético-científico à luz da Biologia do Conhecer* foi assim chamado por admitir a influência direta de das seguinte ideias da teoria de Maturana (2001):

1. *nós seres humanos só existimos na linguagem;*
2. *há vários modos de explicar e aceitar as várias explicações da realidade;*
3. *todos os caminhos de realidades obtidos são tratados como diferentes formas de explicar o mesmo fenômeno, conforme cada domínio experiencial de cada observador;*
4. *o cientista é um ser humano com prazer em explicar, com sua própria rede de conversações e a partir do seu cotidiano;*
5. *a ciência pode ser tida como um domínio, intimamente atrelado ao cotidiano e às emoções, e ela (a ciência) explica por meio da sua rede de conversações a partir de seus critérios de aceitação/validação.*

Cabe lembrar que as redes de conversações poéticas acabam por ser, também, vinculadas ao cotidiano e às emoções. A poesia - por possuir característica literária - transcende o tempo e espaço, proporcionando certa característica de universalidade ao texto.

Quero dizer que: o texto literário - muitas vezes - consegue ir além de sua cultura, língua e tempo, e acaba tecendo várias relações entre os domínios que se entrelaçam na linguagem humana.

O material que tem em mãos, prezado leitor, foi proposto com muito afeto para convidar você a desenvolver sensibilidades e consensos no ambiente escolar. Mais especificamente buscando tecer ligações entre o ensino de ciências, a poesia e o cotidiano escolar.

Como corpus utilizei textos das obras poéticas brasileiras de Augusto dos Anjos e de Manoel de Barros e da obra “Água Viva”, de Clarice Lispector. As três obras apresentam riqueza de termos e/ou imagens que podem dialogar tanto com a ciência, quanto com conversações mais usuais.

E como diria Humberto Maturana: “Assim, espero poder lhes mostrar que nós, seres humanos, existimos na linguagem” (MATURANA, 2001, p.26).

SOBRE A ESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Bem longe da pretensão de esgotar os termos científicos presentes, selecionei termos contidos nas seguintes obras: *Poesia Completa*, de Manoel de Barros (2013); *Eu e Outras Poesias*, de Augusto dos Anjos (2002) e *Água-viva*, de Clarice Lispector (1998).

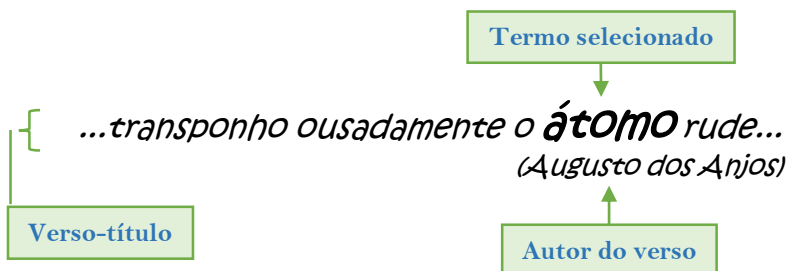
Pincelei cada termo conforme versos ou imagens poéticas que fomentassem a sensibilização para aproximações entre os termos de cunho científico e sua aplicação nos domínios de conversações mais usuais.

Após muitas etapas de seleção, obtive 61 termos dispostos em ordem alfabética. Como critério para seleção dos termos usei, simultaneamente, duas posturas: científica e poética. Os 61 termos foram comparados e organizados de modo a formar um glossário terminográfico (BEVILACQUA e FINATTO, 2006) e poético.

Quanto à microestrutura, o leitor encontrará os termos em seu contexto, a partir de definições científicas “prontas”, contidas no *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011), organizado por Paulo Geiger.

Os termos selecionados estão acompanhados de seus respectivos versos, formando assim *versos-títulos*. Para pronta identificação, cada termo selecionado foi destacado em negrito,

sendo situado em meio ao seu verso. Logo abaixo do verso-título encontra-se o autor do verso. O esquema a seguir permite a visualização dessa etapa da microestrutura:



O verso, portanto, serve como entrada ao termo, antecedendo o conceito advindo do dicionário. Sempre que for iniciada a sessão que apresenta o termo de algum domínio da ciência - a partir do dicionário Novíssimo Aulete (2011) - é usada a seguinte expressão: *A palavra sem intenção de poesia*. Um modelo da estrutura dessa sessão pode ser observado a seguir:

A palavra sem intenção de poesia

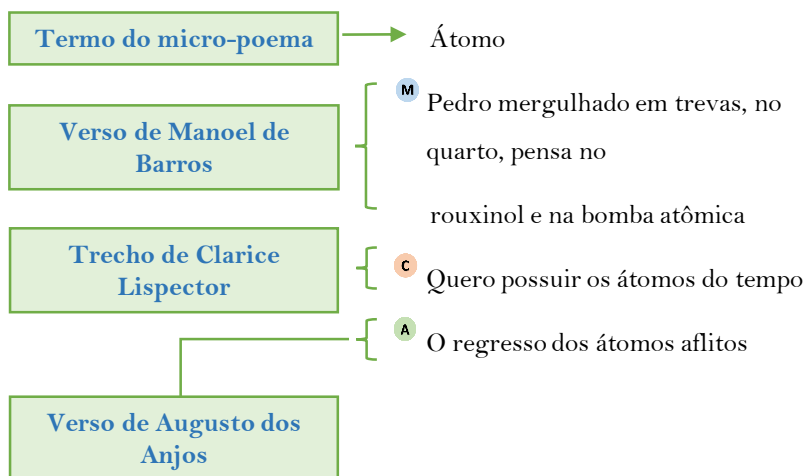
átomo (*á.to.mo*) **sm.** 1. Fís-quím. A menor partícula de um elemento químico, formada por um núcleo, que contém nêutrons e prótons, e por elétrons que circundam o núcleo.

Definição do termo pelo domínio científico conforme Novíssimo Aulete

A definição do termo é seguida, respectivamente, por exemplos poéticos. Tais exemplos poéticos são constituídos de versos advindos das obras poéticas investigadas.

Pela junção desses versos foi composto um novo micro-poema. Ao lado de cada verso dos micro-poemas, há círculos coloridos. Neles há a letra inicial do nome do(a) autor(a) do verso e/ou imagem poética obtida. Essa sessão da microestrutura foi denominada *A poesia tecida na palavra*, conforme modelo a seguir:

A poesia tecida na palavra



Portanto, unindo todas as sessões e tendo como exemplo o termo *átomo*, cada página obedecerá a seguinte microestrutura:

*...transponho ousadamente o **átomo** rude...*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

átomo (á.to.mo) sm. 1. Fís-quím. A menor partícula de um elemento químico, formada por um núcleo, que contém nêutrons e prótons, e por elétrons que circundam o núcleo.

A poesia tecida na palavra

Átomo

M Pedro mergulhado em trevas, no
quarto, pensa no

rouxinol e na bomba atômica

C Quero possuir os átomos do tempo

A O regresso dos átomos aflitos

Importa, ainda, ressaltar que busquei respeitar a liberdade poética dos autores selecionados, bem como a especificidade dos termos quando utilizados na esfera do domínio científico.

Para enriquecer o glossário, no decorrer das páginas o leitor vai encontrar desenhos feitos por estudantes de 1º ao 5º anos. Tais desenhos foram obtidos em oficina elaborada na disciplina de Práticas Docente Supervisionada em Ensino de Ciências - no decorrer do segundo semestre de 2016 - e ministrada para o Projeto Integral do Colégio Univille, em Joinville – Santa Catarina. Nesses desenhos os participantes nos provocam a perceber que é possível fazer relações entre a ciência, a poesia e o cotidiano, desde a infância.

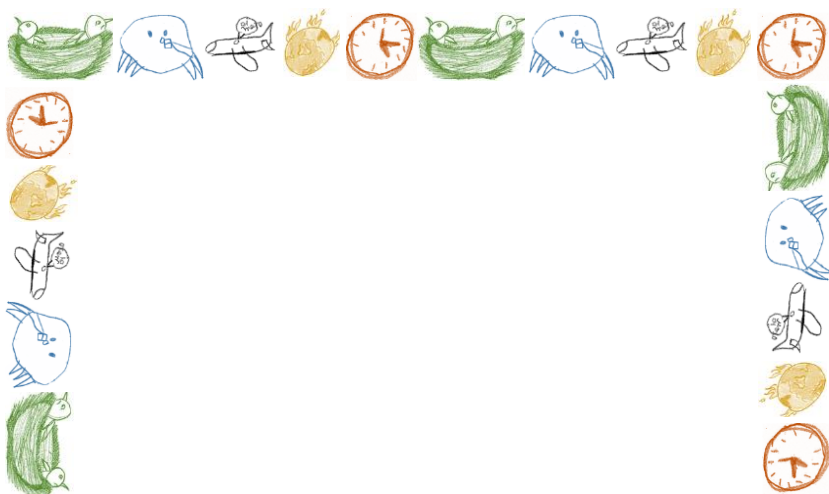
A intenção deste material, caro leitor, não é a de aprofundar conceitos e defini-los como prontos ou acabados, e sim propor conceitos introdutórios a fim de fomentar discussões de como tais conceitos ganham significados na vida cotidiana das pessoas mesmo sem a permissão das Ciências; e - desse modo - possibilitar essas discussões nos ambientes de ensino, vislumbrando um Ensino de Ciências sensibilizador de consensos no existir cotidiano.

LISTA DE ABREVIACÕES

A lista de abreviaturas refere-se às utilizadas na sessão *A palavra sem intenção de poesia* para cada termo deste glossário, conforme aparecem em lista própria no *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo de língua portuguesa* (2011), organizado por Paulo Geiger.

ABREVIACÕES USADAS NO GLOSSÁRIO

a2g.	adjetivo de dois gêneros	Geol.	geologia
Anat.	anatomia	Ger.	geral/geralmente
Ant.	antônimo	Hem.	hematologia
Astron.	astronomia	Med.	medicina
Aum.	aumentativo	Min.	mineralogia
Biol.	biologia	Símb.	símbolo
Bot.	botânica	P. opos.	por oposição
Bras.	brasileirismo	Quím.	química
Pop.	popular(es)	Ref.	referente
Cf.	confronte/compare	Rel.	religião
Col.	coletivo	sf.	substantivo feminino
Dim.	diminutivo	sm.	substantivo masculino
esp.	especialmente	sm2n.	substantivo masculino de dois
Fil.	filosofia		números
Fís.	física	us.	usado(s)
Fisl.	fisiologia	Zool.	zoologia
Fís-quím.	físico-química		
Fórm.	fórmula		



Glossário poético-científico à luz da Biologia do Conhecer



*As abelhas voam e lidam com flores.
(Clarice Lispector)*

A palavra sem intenção de poesia

abelha (a.be.lha) [ê] **sf.** 1. Zool. Nome comum de numerosas espécies de insetos himenópteros, apídeos e/ou meliponídeos, que se dividem em abelhas sociais, solitárias e parasitas, sendo as espécies sociais as que produzem mel em abundância.

A poesia tecida na palavra

Abelhas

- A** Sobre as asas doiradas das
abelhas, Que é a alegria
única das feras.
- C** Formiga e abelha já não são
it. São elas.
- M** E, se quisesse caber em
uma abelha, era só abrir a
palavra abelha e entrar
dentro dela

Como bolhas febris de **água**, fervendo!
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

água (á.gua) *sf.* **1.** Quím. Líquido sem cor, cheiro ou sabor, essencial à vida, composto de hidrogênio e oxigênio. [Fórm.: H_2O] **2.** A massa líquida que cobre mais de 2/3 da superfície da Terra.

A poesia tecida na palavra

Água

A Do céu, em reflexos, nas

Águas, fingindo cristais

M Com o tempo descobriu que escrever seria
o mesmo que

carregar água na peneira

C Meu estado

é o de jardim com água correndo



(AGORA PODE FAZER O SEU DESENHO NO ESPAÇO ABERTO)

Ilustração para o termo *Água*.
Autora: 7 anos.

*E a **alga** Criptógama ...*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

alga (*al.ga*) **sf.** 1. Bot. Espécime das algas, plantas desprovidas de raízes e caule, com grande variedade de tamanho e formas, dotadas de clorofila e outros pigmentos, e que vive na água salgada ou doce ou em lugares úmidos [Muitas espécies são comestíveis ou medicinais.].

A poesia tecida na palavra

Algas

M O homem de lata

se alga

no Parque

A A humildade botânica das algas

De que grandeza não será capaz?!

C Por isto te escrevo. Por sopro das
grossas algas e no tenro nascente
do amor.

E o **ar** fugindo...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

ar sm. 1. Mistura de gases que forma a atmosfera terrestre, constituída principalmente por nitrogênio e oxigênio, e uma proporção mínima de vapor d'água e gases nobres. 2. Camada de ar (1) que envolve a Terra; o espaço que ela ocupa; ATMOSFERA 3. Espaço ocupado pela atmosfera: A água cortou o ar em voo rasante.

A poesia tecida na palavra

Ar

M A gente estudou no Colégio que vento

é o ar em movimento.

E que o ar em movimento é vento.

C De que cor é o infinito espacial? é da cor
do ar.

A É assim como o ar que a gente pega e
cuida

*As teias ainda sem **aranha**.
(Manoel de Barros)*

A palavra sem intenção de poesia

aranha (*a.ra.nha*) **sf.** 1. Zool. Designação comum a várias espécies de aracnídeos dotados de glândulas produtoras de seda, com as quais tecem a teia que serve de armadilha para suas presas [Aum.: aranhuçó. Dim.: aranhico.]

A poesia tecida na palavra

Aranha

C Eu, que fabrico o futuro como uma
aranha diligente.

A Responde a Vida — aquela grande
aranha

Que anda tecendo a minha
desventura!

M Aqui a aranha não denigre o
orvalho.

A **árvore** dorme.
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

árvore (*ár.vo.re*) **sf.** 1. Bot. Grande vegetal lenhoso cujo caule é um tronco elevado, despido na base e com ramificações que formam uma copa [*Col.: arvoredo.*]

A poesia tecida na palavra

Árvore

M Árvore e menino

Dobrados, na chuva.

A Não mate a árvore, pai, para que eu viva!

C Sou uma árvore que arde com duro prazer.



Ilustração para o termo *Aranha*.
Autora: 8 anos.

(AGORA PODE FAZER O SEU DESENHO NO ESPAÇO ABAIXO)



Página 2 de 2

Ilustração para o termo *Árvore*.
Autor: 7 anos.

*...transponho ousadamente o **átomo** rude...
(Augusto dos Anjos)*

A palavra sem intenção de poesia

átomo (*á.to.mo*) **sm.** 1. Fís-quím. A menor partícula de um elemento químico, formada por um núcleo, que contém nêutrons e prótons, e por elétrons que circundam o núcleo.

A poesia tecida na palavra

Átomo

- M Pedro mergulhado em trevas, no
quarto, pensa no
rouxinol e na bomba atômica
- C Quero possuir os átomos do tempo
- A O regresso dos átomos aflitos

Os **bichos** me fantasticam.
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

bicho (*bi.cho*) **sm.** 1. Qualquer animal 2. Bras. Pop. Designação comum a alguns tipos de insetos, como o cupim, a traça, que se alimentam de objetos de madeira, de papel, de tecidos etc., causando prejuízos.

A poesia tecida na palavra

Bicho

- A** Aquela humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava,
aflita,
- C** Às vezes eletrizo-me ao ver bicho
- M** Sente-se pois então que árvores,
bichos e pessoas
têm natureza assumida igual.



Ilustração para o termo *Átomo*.
A autora: 7 anos.

*Com a **boca** junto...
(Augusto dos Anjos)*

A palavra sem intenção de poesia

boca (*bo.ca*) [ô] **sf.** 1. Cavidade do rosto, nos seres humanos, ou da cabeça, nos animais, por onde se ingerem os alimentos. 2. Parte externa da cavidade bucal, formada pelos lábios: beijo na boca. 3. Anat. Primeiro órgão do sistema digestório, e um dos que compõem o sistema respiratório e o aparelho fonador.

A poesia tecida na palavra

Boca

- A Uivava dentro do eu, com a boca aberta,
- C As pétalas têm gosto bom na boca
- é só experimentar.
- M Quero a palavra que sirva na boca dos
passarinhos.

... minha efêmera **Cabeça**...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

cabeça (*ca.be.ça*) [ê] **sf.** 1. Anat. Parte superior do corpo humano e superior ou anterior do corpo de outros animais vertebrados, e que contém o cérebro e os órgãos da visão, audição, olfato e paladar.[*Aum.: cabeção, cabeçorra.*] 2. Anat. Zool. Parte onde ger. ficam os olhos e a boca no corpo dos invertebrados.

A poesia tecida na palavra

Cabeça

A Minha cabeça autônoma pensava!

C Mas a cabeça

Também estala ao imaginar o
contrário:

M Se diz que há na cabeça dos poetas um
parafuso a menos



Ilustração para o termo *Cabeça*.
Autor: 8 anos.

*Que os **Cabelos** dos velhos embranquece!*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

cabelo (*ca.be.lo*) [ê] **sm.** 1. Conjunto dos pelos que crescem (ger. de modo contínuo) na parte mais alta e na parte posterior da cabeça humana 2. Cada um dos pelos do corpo humano (cabelos do braço) 3. Pelo ou conjunto de pelos, esp. quando compridos, do corpo de certos animais.

A poesia tecida na palavra

Cabelo

A O cabelo revoltado em desalinho,

No seu olhar feroz eu adivinho

M Fiquei brilhante com meus cabelos

lavados

C A roupa eriçava-se ao largar a eletricidade

do corpo e o pente erguia os cabelos

imantados

... faz **Calor** de suor...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

calor (*ca.lor*) [ô] **sm.** 1. Temperatura elevada do ar, da atmosfera ambiente; CALMA: dia de calor. 2. Fisl. Aceleração da circulação do sangue ou outra alteração fisiológica que faz aumentar a temperatura de um corpo ou provoca sensação desse aumento: calor da febre: calores da menopausa 3. Propriedade transitória dos corpos que se encontram quentes ou aquecidos, e que se manifesta de modo perceptível e mensurável pela temperatura 4. Fís. Quím. Forma de energia que se pode transferir de um corpo (ou sistema de corpos) mais quente para outro (por contato ou por irradiação), ou que pode ser gerada por compressão, e que produz nas substâncias a que é acrescentada fenômenos como elevação de temperatura, fusão, evaporação, dilatação etc. [Fisicamente definida como a energia associada ao movimento aleatório dos constituintes básicos da matéria (moléculas, átomos ou partículas subatômicas).]

A poesia tecida na palavra

Calor

- A** Será calor, causa ubíqua de gozo,
- C** Fico dormitando no calor estivo do
domingo que tem moscas voando
em torno do açucareiro.
- M** Dali se desprende ao meio-dia forte
calor de ordumes larvais. No lombo
se criam mosquitos monarcas,
daqueles de exposição, que furam
até vidros e abaixam pratos de
balança.

...flor de **Caos**...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

caos (*ca:os*) **sm2n**. 1. Ausência total de ordem, de regularidade 2. Fil. Rel. Estado de confusão total no universo, de indistinção da matéria que o constitui, anterior ao aparecimento das formas e à criação da natureza tal como conhecida [Ant.: *cosmo*]

A poesia tecida na palavra

Caos

- A Tu que tombaste no caos extremo
Da Noite imensa do meu Passado,
- M engole a maçã do caos.
- C O caos de novo se prepara...



Ilustração para o termo *Calor*.
Autora: 10 anos.

...um **Coração** a pulsar.
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

coração (*co.ra.ção*) **sm.** 1. Anat. Órgão muscular dos animais vertebrados, situado na cavidade torácica, que recebe e bombeia o sangue do corpo em contrações ritmadas, fazendo-o circular por todo o organismo.

A poesia tecida na palavra

Coração

- A** Eu sei que há muito pranto na
existência,
- Dores que ferem corações de pedra
- M** Ninguém soube se o coração vibrou
- C** Mas eu percebia um pequeno
rumor como de um coração
Batendo debaixo da terra.

... teu **Corpo** abstrato.
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

corpo (*cor.po*) [ô] **sm. 1.** Anat. Estrutura física e individualizada do homem ou dos animais.

A poesia tecida na palavra

Corpo

- M** Procurando deitar raízes no seu
corpo entregue ao tempo
- C** Embora imaterial, precisa do corpo
nosso e do corpo da coisa.
- A** Meu dispêndio nervoso era tamanho

Que eu sentia no corpo um vácuo
estranho



Ilustração para o termo *Coração*.
Autora: 7 anos.

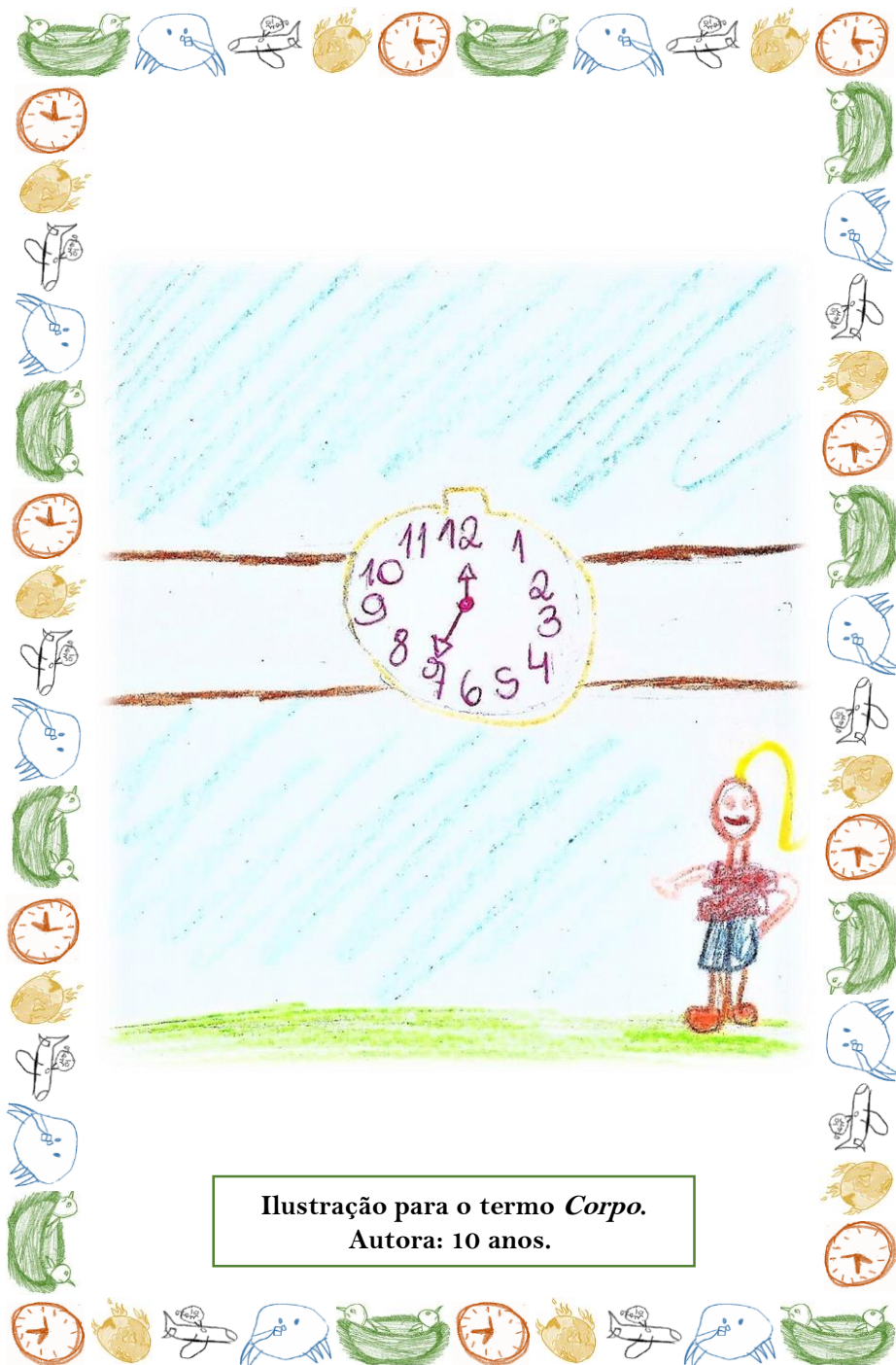


Ilustração para o termo *Corpo*.
Autora: 10 anos.

... mil ***Cristais*** quebrados.
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

cristal (*cris.tal*) **sm.** 1. Fís. Corpo sólido, ou substância sólida com átomos, íons ou moléculas geometricamente dispostos 2. Fís. A estrutura dessa disposição, na qual os padrões de ordenação repetem-se modularmente nas três dimensões do espaço 3. Fragmento de substância ou de composto que apresenta forma geométrica (cristal de sal) 4. Min. Quartzo vítreo transparente e incolor; o mesmo que cristal de rocha 5. Min. Vidro de qualidade superior, de grande pureza e transparência, formado por três partes de sílica, duas de óxido de chumbo e uma de potássio: cálice de cristal.

A poesia tecida na palavra

Cristal

M transformar-se em alguma coisa útil
ou de cristal.

C Nasci há alguns instantes e estou
ofuscada.

Os cristais tilintam e faíscam.

A Fulgem por entre mil cristais
vermelhos



Ilustração para o termo *Cristal*.
Autor: 8 anos.

... em pura **decomposição** lírica ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

decomposição (*de.com.po.si.ção*) **sf.** 1. Ação ou resultado de decompor(-se) [Ant.: composição.] 2. Separação dos elementos de um todo; ANÁLISE [Ant.: síntese.] 3. Apodrecimento, putrefação (decomposição de corpo) 4. Alteração, mudança significativa (decomposição facial) 5. Desagregação do que está unido, organizado; DESARTICULAÇÃO; DESORGANIZAÇÃO: decomposição de uma sociedade. [Antôn.: agregação, reorganização, união.] 6. Quím. Separação dos elementos que compõem uma substância.

A poesia tecida na palavra

Decomposição

- A Semelhante a um cachorro de atalaia

Às decomposições da Natureza,

- M Sofreremos alguma decomposição
lírica até o mato sair na voz.

- C E minha fome se alimenta desses
seres putrefatos em decomposição.

*Não tinha **dente** nem letras...*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

dente (*den.te*) **sm.** 1. Anat. Cada uma das estruturas ósseas incrustadas lado a lado na gengiva e que servem para morder e mastigar. [Col.: dentadura, dentição.]

A poesia tecida na palavra

Dente

C O dia parece a pele esticada e lisa de
uma fruta que em uma pequena
catástrofe os dentes rompem, o seu
caldo escorre.

A Hás de mostrar a cárie dos teus
dentes

Na anatomia horrenda dos detalhes!

M A única língua que estudei com força
foi a portuguesa.

Estudei-a com força para poder errá-
la ao dente.



Ilustração para o termo *Dente*.
Autora: 7 anos.

*Com esta **doença** de grandezas...*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

doença (*do.en.ça*) **sf.** 1. Perturbação da saúde, que se manifesta em sintoma(s) que podem ou não ser perceptíveis; ENFERMIDADE; MOLÉSTIA.

A poesia tecida na palavra

Doença

- C** Eu que sou doente da condição humana.
- M** Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
- A** A doença era geral, tudo a extenuar-se
Estava.

... um castigo de **espécie** emudeceu ...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

espécie (*es.pé.ci.e*) **sf.** 1. Aspecto, característica que, comum a certo grupo de indivíduos, serve para caracterizar esse grupo; GÊNERO; NATUREZA; QUALIDADE 2. Biol. Grupo de indivíduos, animais ou vegetais assim caracterizados (espécie humana, espécie vegetal).

A poesia tecida na palavra

Espécie

- A** Sem diferenciação de espécie alguma.
- M** Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão.
- C** Se eu não entrar no jogo que se desdobra em vida perderei a própria vida em um suicídio da minha espécie.

*Mas o que é um **espelho**?*
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

espelho (*es.pe.lho*) [ê] **sm.** 1. Superfície metalizada e muito polida que reflete a luz e as imagens por ela iluminadas: Mirava-se no espelho da garrafa cromada...: espelho parabólico [Ger. a superfície metalizada reveste vidro.]

A poesia tecida na palavra

Espelho

- A** Olhou-se no espelho.
- C** Não existe a palavra espelho, só existem espelhos,
- M** Em pensamento viu-se desmembrado, seu corpo espalhado nos pedaços de um espelho.

... no **esqueleto** exausto...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

esqueleto (*es.que.le.to*) [ê] **sm.** 1. Anat. Estrutura de ossos que sustenta o corpo dos vertebrados (esqueleto humano). 2. Zool. Estrutura de sustentação do corpo dos invertebrados.

A poesia tecida na palavra

Esqueleto

M A esquelética Lili,

No fim da noite, exausta

De grandes olheiras no chão.

A E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,

C obrigo-me à nudez de um esqueleto branco que está livre de humores.



Ilustração para o termo *Espelho*.
Autoras: 7 anos e 10 anos.

... sem **estrela** na testa...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

estrela (*es.tre.la*) [ê] **sf.** 1. Astr. Corpo celeste que produz energia e tem luz própria, o que o distingue dos planetas 2. Astr. Qualquer astro ou corpo luminoso que pode ser visto no céu noturno.

A poesia tecida na palavra

Estrela

- C** Hoje é noite de muita estrela no céu. Parou de chover.
- M** Bicho acostumado na toca encega com estrela.
- A** E eu nunca mais vi a minha estrela!

*... a palavra com **febre**...*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

febre (*fe.bre*) **sf.** 1. Med. Temperatura do corpo acima do normal devido a alguma infecção [Cf.:hipertermia.]

A poesia tecida na palavra

Febre

- M** O ninho está febril de epifanias.
- A** O termômetro negue minha febre
- C** Exorbito-me e só
então é que existo e
de um modo febril.



... *costumes de flor.*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

flor [ô] *sf.* 1. Bot. Órgão reprodutor das angiospermas, ger. com cores vivas e odor agradável, constituído por dois conjuntos de folhas (cálice e corola) que protegem as estruturas masculinas (androceu) e/ou femininas (gineceu); uma flor pode ser hermafrodita ou unissexual.

A poesia tecida na palavra

Flor

M

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor!

C

Nasce no ar a primeira flor.

A

E tudo quer que nessa flor se enleve

O poeta.

*... gênio que governa o **fogo**.
(Clarice Lispector)*

A palavra sem intenção de poesia

fogo (*fɔ.go*) [ô] **sm.** 1. Calor, luz e chama resultantes da combustão de matéria inflamável; LUME.

A poesia tecida na palavra

Fogo

- A Deste-me fogo quando eu tinha sede...
- M O mato tomava conta do meu abandono
- A língua era torta
- Verbos sumiam no fogo.
- C Protejo com o fogo meu jogo de vida.



Ilustração para o termo *Flor*.
Autor: 7 anos.



Ilustração para o termo *Fogo*.
Autor: 7 anos.

... um mínimo de **folha**...
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

folha (*fo.lha*) [ô] **sf.** 1. Bot. Estrutura das plantas que ger. consiste em uma lâmina freq. verde, o limbo, sustentada por uma haste, o pecíolo, ligada a um caule e que funciona como o principal órgão assimilador. [Dim.: folíolo. Col.: folhagem, folhedo.]

A poesia tecida na palavra

Folha

- A Folhas e frutos, sobre a terra
ardente
- C Folhas esmagadas me lembram o
chão da infância.
- M lugar
apropriado para um homem ser
folha.

... ao **fóssil**.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

fóssil (*fós.sil*) **sm.** 1. Pal. Resto ou molde petrificado dos seres vivos que habitaram a Terra em épocas remotas e que se formou pela acumulação de sedimentos.

A poesia tecida na palavra

Fóssil

- M** Remexo com um pedacinho de
arame nas
minhas memórias fósseis
- C** grutas extravagantes e perigosas,
talismã da Terra, onde se unem
estalactites, fósseis e pedras
- A** E o Sol arranca as minhas crenças
como
Boucher de Perthes arrancava
fósseis.

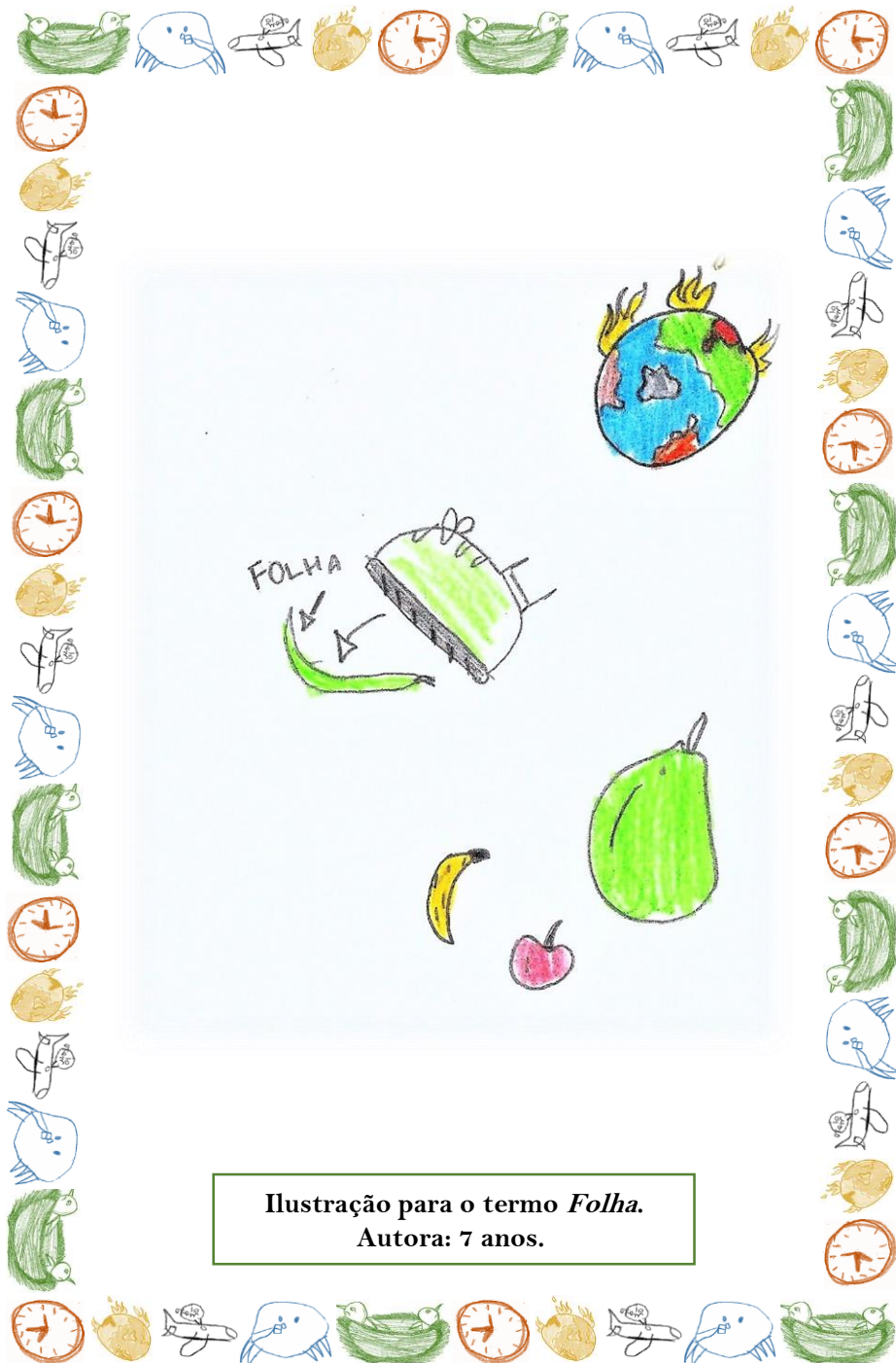


Ilustração para o termo *Folha*.
Autora: 7 anos.

*Aves com **frio**...* (Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

frio (*fri:õ*) **sm.** 1. Sensação que a baixa temperatura atmosférica provoca nos homens e animais.

A poesia tecida na palavra

Frio

- A** Um penetrante e corrosivo frio
Anestesiou-me a sensibilidade
- C** Com o mesmo preto e branco
recapitulo também, em um
arrepio de frio, uma de suas
verdades mais difíceis: o seu
gélido silêncio sem cor.
- M** Aquele ninho fotogênico cheio de
filhotes com frio!

*Sombra de **gelo** ...
(Augusto dos Anjos)*

A palavra sem intenção de poesia

gelo (ge.lo) [ê] **sm.** 1. Estado de água, ou qualquer líquido, quando passa ao estado sólido pela ação do frio.

A poesia tecida na palavra

Gelo

- A** Torne-se gelo o sangue que me
abrase.
- M** Crista de silêncio rubro, o galo
com frisos gelados de adaga no
bico madruga as veredas batidas
- C** E descobriu os enormes espaços
gelados que ele tem em si.

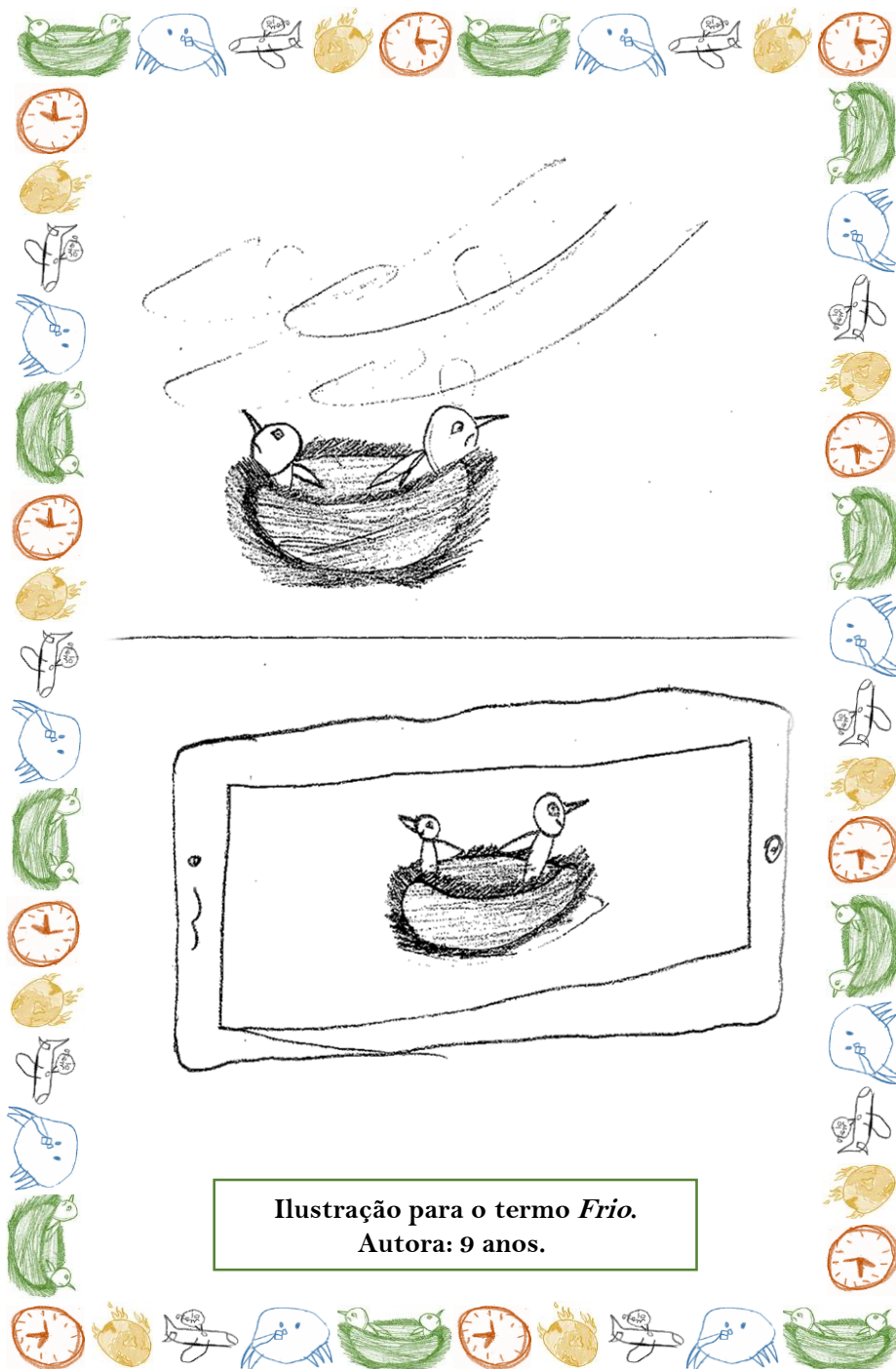


Ilustração para o termo *Frio*.

Autora: 9 anos.

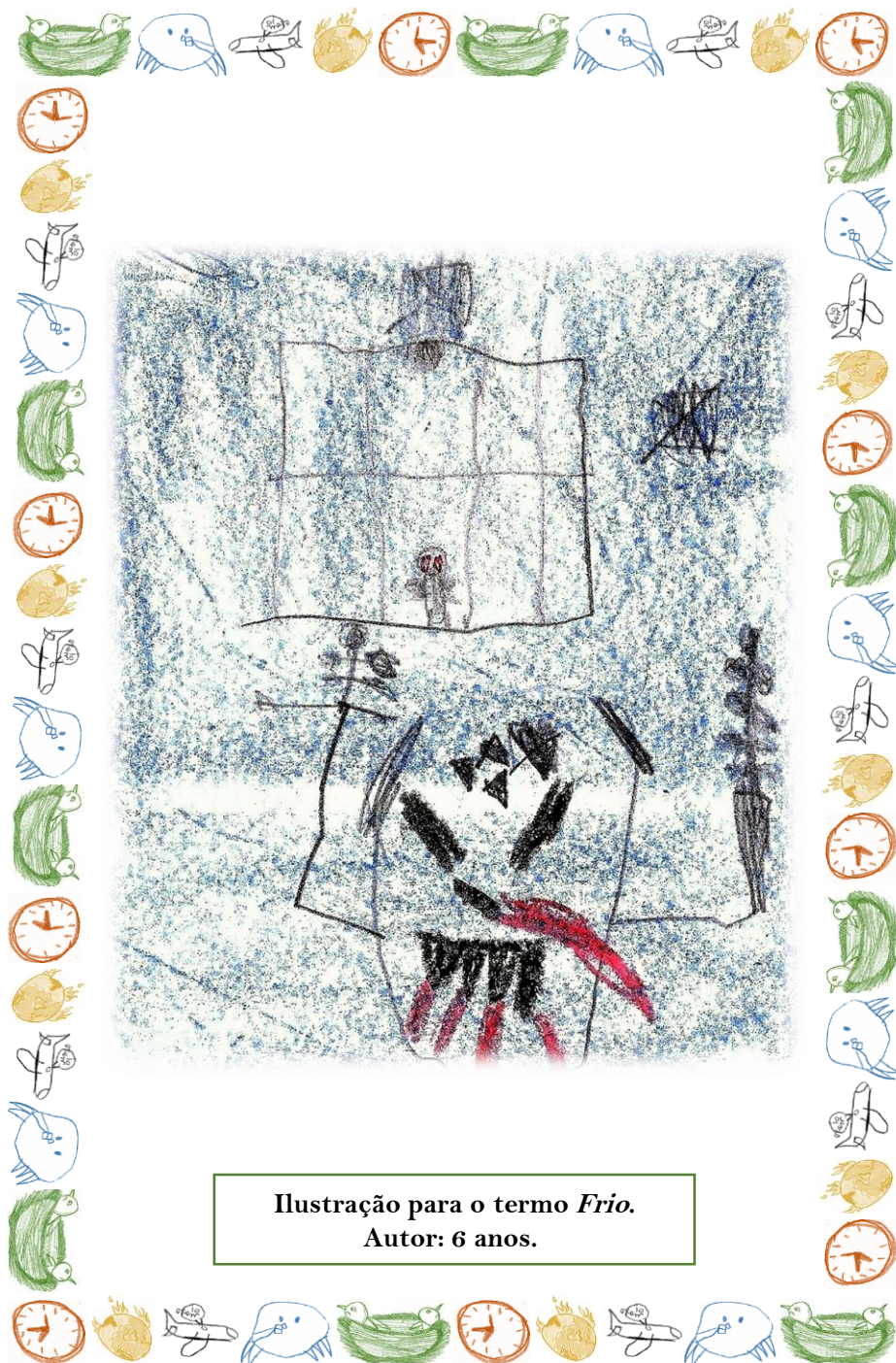


Ilustração para o termo *Frio*.
Autor: 6 anos.

... a cor das *horas*.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

hora (*ho.ra*) **sf.** 1. Divisão de tempo equivalente a $1/24$ do dia ,
que é dividida, por sua vez, em sessenta minutos. [Símb.: *h*]

A poesia tecida na palavra

Hora

C Escrevo-te na hora mesmo em si
própria.

A Apenas eu compreendo, em
quaisquer horas,
O hidrogênio e o oxigênio que tu
choras

M De tarde as horas cheiram goma.

... uivo **humano**.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

humano (hu.ma.no) **a. 1.** Ref. ao homem, à sua natureza e condição (fenômeno/ defeito humano): "Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito..." (Luís de Camões, *Os lusíadas*.)

A poesia tecida na palavra

Humano

- A** Humano sofre da mania mística,
A pesada opressão característica
- C** Nesse âmago tenho a estranha
impressão de que não pertenço
ao gênero humano.
- M** A rã me corrompeu para
pedra. Retirou meus limites de
ser humano
e me ampliou para coisa.



Ilustração para o termo *Hora*.

Autora: 9 anos.



Ilustração para o termo *Humano*.
Autora: 10 anos.

... dentro do ***inseto***.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

inseto (in.se.to) *sm.* 1. Zool. Espécime dos insetos, grande classe de animais invertebrados, artrópodes, ger. terrestres, dotados de seis patas, um par de antenas e, usualmente, dois pares de asas.

A poesia tecida na palavra

Inseto

A Ver mastodontes onde há
mastodontes

E insetos ver onde há somente
insetos.

C Por exemplo: quinta-feira é um
dia

transparente como asa de inseto
na luz.

M Com esta doença de grandezas:

Hei de monumentar os insetos!

*De onde todas as **lágrimas** emanam.
(Augusto dos Anjos)*

A palavra sem intenção de poesia

lágrima (lá.gri.ma) *sf.* 1. Fisl. Gota de líquido incolor e salgado, produzido pelas glândulas lacrimais, que umedece a conjuntiva e a córnea e mantém os olhos livres de poeira e corpos estranhos

A poesia tecida na palavra

Lágrima

M E a gente ficava pendurado em
lágrimas.

A Tenho os olhos em lágrimas
imersos...

C Mas faltam lágrimas na
máquina que sou.



Ilustração para o termo *Inseto*.
Autora: 7 anos.

... uma *lesma* pregada na existência.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

lesma (*les.ma*) [ê] **sf.1.** Zool. Nome comum a diversos moluscos gastrópodes terrestres da fam. dos limacídeos, que têm concha muito pequena e coberta pelo manto. Vivem em lugares muito úmidos e deixam por onde passam um humor viscoso.

A poesia tecida na palavra

Lesma

A De que te serviu, pois, estadares,
profundo,

O homem e a lesma e a rocha e a
pedra e o carvalho e a haste?!

C Vejo a grande lesma branca

M Estarei incluído nas lesmas ou nas
paredes?

Parece que lesma só é uma
divulgação de mim.

... *silêncio líquido.*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

líquido (lí.qui.do) **a. 1** Que flui, e que toma a forma do recipiente em que está [P. opos. a sólido e a gasoso].

A poesia tecida na palavra

Líquido

- C** Tenho medo do domingo
maldito que me liquifica.
- M** Agora ele está pensando
no silêncio líquido...
- A** O microcosmos líquido da gota.

*Surge agora a **Lua**.*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

lua (*lu.a*) **sf. 1.** Astron. Satélite de qualquer planeta do sistema solar: *Marte tem duas luas.*

A poesia tecida na palavra

Lua

- A** Falou-me de ilusões e de luares, Da
tribo alegre que povoa os ares...
- C** Porque a lua cheia é de uma insônia
leve: entorpecida e dormente como
depois do amor.
- M** A lua faz silêncio para os pássaros,
eu escuto esse escândalo!

... *tateando na LUZ...*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

luz sf. **1.** Claridade emitida ou refletida. **2.** O clarão dos corpos celestes, emitido (Sol, estrelas etc.) ou refletido (Lua): "Luz do sol que a folha traga e traduz em verde novo..." (Caetano Veloso, *Luz do sol*)

[...] ~ **visível 1** Luz (1), assim designada como forma de marcar sua natureza física de radiação eletromagnética e distingui-la de radiações semelhantes, porém não percebidas pelo olho humano (infravermelho, ultravioleta).

A poesia tecida na palavra

Luz

C

É a luz secreta de uma
sabedoria da fatalidade: a pedra
fundamental da terra.

M

Como a luz que vegeta na
roupa do pássaro.

A

São verdades de luz que os
homens olham Sem poder, no
entretanto, compreendê-las.

O mar é triste...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

mar *sm.* 1. A parte da superfície do planeta Terra que é formada por água salgada; OCEANO.

A poesia tecida na palavra

Mar

- A** Manhã em flor. O mar é um policromo
- C** o mar estendido, silêncio de domingo de manhã.
- M** Apareceu a
concha. E o mar estava na
concha.

... ação ***mecânica***.
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

mecânica (me.câ.ni.ca) *sf.* **1.** Fís. Ciência que estuda os movimentos e as forças que o produzem. **2.** Fís. O conjunto das leis do movimento. **3.** Atividade relativa a máquinas e motores e a seu conserto.

A poesia tecida na palavra

Mecânica

- A** O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem!
- M** Portas mecânicas me subtraem e
me devolvem súbito ao
negro asfalto.
- C** Minha anarquia obedece
subterraneamente a uma lei onde
lido oculta com astronomia,
matemática e mecânica.

... a canção da **Natureza** ...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

natureza *sf.* 1. Todo o mundo material ao redor do homem e no qual ele está inserido, mas independente dele: "Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente/ O seu sol, a sua chuva..." (Fernando Pessoa, "Tabacaria", *in Poesias de Álvaro de Campos*)

2. Conjunto composto pelos seres vivos e seus cenários originais (mares, florestas, montanhas, rios etc.): *Procurava estar junto da natureza.*

A poesia tecida na palavra

Natureza

- A** Dorme soturna a natureza
sábia...
- M** Atribuir-se natureza vegetal
aos pregos para que
eles brotem nas primaveras...
Isso é fazer natureza.
- Transfazer.
- C** Tudo isso é o que me habituei
a pintar mexendo na natureza
íntima das coisas.

... esse ***nervo*** de vida...
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

nervo sm. 1. Anat. Cada uma das fibras ou feixe de fibras que ligam o sistema nervoso a todas as partes do corpo.

A poesia tecida na palavra

Nervo

M Quem é sua poesia?

Os nervos do entulho, como disse
o poeta

português José Gomes Ferreira

A Sob a morfologia de um moinho,
Move todos os meus nervos
vibráteis.

C Pena que a palavra "nervos"
esteja ligada a vibrações
dolorosas

... ao ponto de **OSSO**.
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

osso (os.so) [ô] **sm. 1.** Anat. Matéria dura que forma o esqueleto do homem e dos demais vertebrados, constituída de tecido conjuntivo com osseína e fibras de colágeno repletas de sais de cálcio; proporciona apoio estrutural à atividade muscular, protege órgãos como o cérebro e a medula espinhal, funcionando também como reservatório de cálcio e fosfato.

A poesia tecida na palavra

Osso

C É preciso mover toda a cabeça
sem
ossos para fitar um objeto.

A Tinha necessidade de esconder-
me

Longe da espécie humana, com os
meus ossos!

M É muito complicado dar ossos à
água.

... o limão na **Ostra**.
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

ostra ¹(os.tra) [ô] Zool. **sf.** 1. Nome de vários moluscos bivalves, marinhos, da fam. dos ostreídeos, ger. comestíveis, de concha irregular, formada por valvas de tamanhos diferentes e que vivem fixos, presos a diversos tipos de substrato.

A poesia tecida na palavra

Ostra

C Os fatos da vida são o limão na
ostra? Será que a ostra dorme?

A Eu sei que o Amor enche o
Universo todo

E se prende dos poetas à guitarra
Como o pólipó que se agarra ao
lodo

E a ostra que às rochas eternas se
agarra.

M O osso da ostra

A noite da ostra

Eis um material de poesia

... do **OVO** que se quebrou...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

ovo (o.vo) [ô] **sm.** 1. Biol. Óvulo fecundado de animais, como aves, répteis e peixes, expelido do corpo da mãe. 2. Biol. A primeira célula de um ser vivo formada pela fecundação do óvulo da fêmea por meio da ação da célula reprodutora masculina.

A poesia tecida na palavra

Ovo

M Poesia é a loucura das palavras:

Na beira do rio o silêncio põe ovo

C O instante é o vasto ovo de
vísceras mornas. Agora é de novo
madrugada.

A A noite fecundava o ovo dos
vícios.

... e os *pássaros* falavam...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

pássaro (*pás.sa.ro*) **sm.** 1. Zool. Ave pequena; PASSARINHO
2. Zool. Denominação comum às aves da ordem dos passeriformes.

A poesia tecida na palavra

Pássaro

C Pássaros - eu os quero nas
árvores ou voando longe de
minhas mãos.

M Meus ombros emigram de
mim para os pássaros.

A Carpem na sombra pássaros
ascetas.



Ilustração para o termo *Ovo*.
Autor: 7 anos.

... *perfume* de lágrimas ...

(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

perfume (per.fu.me) *sm.* **1.** Odor agradável que alguns corpos, esp. as flores, exalam: *o perfume da rosa*. **2.** Preparado ger. líquido de substâncias aromáticas, us. para perfumar a pele, as roupas etc.

A poesia tecida na palavra

Perfume

- A** Aqui há muita luz e muita
aurora, Há perfumes d'amor
- M** Caem os primeiros pingos.
Perfume de terra molhada invade
a fazenda.
- C** Que estou fazendo ao te
escrever? estou tentando
fotografar o perfume.

*... ironia sem **peso** ...*
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

peso (*pe.so*) [ê] **sm.** **1.** Fís. Força que se exerce sobre um corpo pela atração gravitacional da Terra. **2.** Força que um corpo exerce sobre qualquer obstáculo que se opõe à sua queda. **3.** Condição de um corpo pesado.

A poesia tecida na palavra

Peso

M Pois frases são letras sonhadas,
não têm peso

C Como sinal de revolta apenas
uma ironia sem peso e
excêntrica.

A E eu me encolhia todo como um
sapo

Que tem um peso incômodo por
cima!

... beijaria a **pétala** ...
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

pétala (pé.ta.la) Bot. *sf.* **1.** Cada uma das partes, alvas ou coloridas, iguais entre si ou desiguais, em forma de lâmina que formam a corola de uma flor.

A poesia tecida na palavra

Pétala

- M** Primeiro o menino viu uma estrela
pousada nas
pétalas da noite
- C** São ásperas e arrebitadas as pontas de
suas pétalas
- A** as flores também choram
Num chuveiro de pétalas

... início de **planta** ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

planta (*plan.ta*) **sf.** 1. Bot. Qualquer ser vivo do reino *Plantae*, caracterizado por apresentar celulose e clorofila nas células; VEGETAL [Col.: *fitoteca, flora, herbário, plantação.*]

A poesia tecida na palavra

Planta

- C** Ele se criou no profundo da Amazônia.
E diz que lá corre a lenda de uma planta
que fala.
- M** Um guri viu o caso e não contou pra
ninguém.

Toda manhã ele ia regar aquele início
de planta.
- A** E em cada coração planta um cipreste!



Ilustração para o termo *Planta*.
Autor: 7 anos.

*Vi um **rio** indo embora...*
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

rio (rɪ:ɔ) **sm.** 1. Curso natural de água doce: *Acampamos na beira de um rio.*

A poesia tecida na palavra

Rio

A O Fim das Coisas mostra-se
medonho

Como o desaguadouro atro de um
rio...

M Regava o rio, regava o rio.

Depois ele falava para nós que os
peixes também

precisam de água para sobreviver

C para ninar elefantes que vão se
banhar no rio.

... montanhas feitas de **rocha** ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

rocha (ro.cha) **sf.** **1.** Massa grande e compacta de pedra: *Uma grande rocha despençou e bloqueou a estrada.* **2.** Geol. Aglomerado de matérias minerais e orgânicas que se formou ao longo das eras e que constitui boa parte da crosta terrestre.

A poesia tecida na palavra

Rocha

- M** Heróis gregos viravam de rochas
de anêmonas de
água frequentemente. Porém
desviravam logo, ao
primeiro gesto de amor
- C** por cavar com sua gota
ininterrupta a rocha.
- A** E em cada rocha um cristalino
veio.

... *sangue* da natureza...
(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

sangue (*san.gue*) **sm.** 1. Hem. Líquido viscoso, vermelho, que circula pelo organismo animal, através de artérias e vasos, impulsionado pelo coração.

A poesia tecida na palavra

Sangue

- A** A cor do sangue é a cor que me impressiona
- M** O sangue do sol
nas águas
atrai mariposas
- C** E o sangue agradece.

... a parte **selvagem** ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

selvagem (sel.*va.gem*) **a2g**. 1. Que é próprio das selvas; silvestre, selvático (planta selvagem) 2. Que habita as selvas (tribo selvagem); SILVÍCOLA [Ant.: civilizado.] 3. Feroz, cruel (competição selvagem) 4. Que não foi domesticado (cavalo selvagem; ganso selvagem).

A poesia tecida na palavra

Selvagem

- A Oriundas, como os sonhos dos selvagens,
- M A palavra é bonita e selvagem.
Não está registrada nos léxicos
- C Minha selvagem intuição de mim mesma.

... um **som** de lado...

(Clarice Lispector)

A palavra sem intenção de poesia

som *sm.* 1. Fís. Vibração que se propaga pelo ar e que pode ser percebida pela audição.

A poesia tecida na palavra

Som

M Quero o som que ainda não deu
liga.

Quero o som gotejante das violas
de cocho.

C ... inicia-se um som de lado que
atravessa as ondas musicais sem
tremor.

A Súbito ecoou o sino o som
profundo!

*... artífice da **teia** ...*
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

teia ¹(*tei.a*) **sf.** **1.** Emaranhado ou trama de fios. **2.** Rede de fios que as aranhas segregam e tecem como armadilha para insetos.

A poesia tecida na palavra

Teia

- A** Um pássaro alvo artífice da teia
- M** consegue esticar o horizonte
usando três
fios de teias de aranha,
- C** os seus delicados fios de teia de
aranha...



Ilustração para o termo *Teia*.
Autor: 7 anos.

*Meus rumos não têm **tempo**.*

(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

tempo (*tem.po*) **sm.** 1. Aquilo que é medido em horas, dias, meses ou anos; período; duração: *Quanto tempo leva daqui até lá?: Essa camisa durou muito tempo* 2. Época, lapso de tempo futuro ou passado: *Naquele tempo íamos a mais festas: Quando me chegar o tempo da velhice.*

A poesia tecida na palavra

Tempo

M A mãe disse: Você vai parir uma
árvore para

a gente comer goiaba nela.

E comeram goiaba.

Naquele tempo de dantes não
havia limites

para ser.

A Tu mataste o meu tempo de
criança

C só me comprometo com vida que
nasça com o tempo e com ele
cresça: só no tempo há espaço
para mim.

... um rumor de **útero** ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

útero (ú.te.ro) **sm. 1.** Anat. Órgão do aparelho feminino no qual é gerado o feto dos mamíferos; MADRE; MATRIZ: "Quanto ao local da terra, estou no próprio útero da Dona Marta, quem quer que tenha sido esta boa senhora..." (Antonio Calado, *Bar Don Juan*).

A poesia tecida na palavra

Útero

M

Ali, por debaixo da arraia, se
instaura uma química

de brejo. Um útero vegetal, insetal,
natural.

C

É um mundo emaranhado de
cipós, sílabas, madressilvas, cores
e palavras - limiar de entrada de
ancestral caverna que é o útero do
mundo e dele vou nascer.

A

Todo o gênero humano intra-
uterino!

... ser raiz de ***Vegetal*** ...
(Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

vegetal (ve.ge.tal) **azg**: 1. Ref. ou pertencente às plantas (célula vegetal) 2. Que se origina de planta (carvão vegetal) 3. Que se assemelha à planta (aspecto vegetal) **sm**. 4. Bot. Planta.

A poesia tecida na palavra

Vegetal

- M** Preciso de obter sabedoria vegetal.
(Sabedoria vegetal é receber com
naturalidade uma rã no talo.)
- C** Onde jamais passos humanos houve.
Antes tenho que passar pelo vegetal
perfumado
- A** Pelos respiratórios tênues tubos Dos
poros vegetais, no ato da entrega.

A vida fenomênica das Formas.
(Augusto dos Anjos)

A palavra sem intenção de poesia

vida (vi.da) *sf.* 1. Biol. Condição da existência de alguns seres como os homens, animais e outros organismos, marcada por nascimento, desenvolvimento, envelhecimento e morte;
EXISTÊNCIA [Ant.: morte.]

A poesia tecida na palavra

Vida

- C E quando estranho a palavra é aí que
ela alcança o sentido. E quando
estranho a vida aí é que começa a vida.
- A Em minha vida anônima de larva
- M Me procurei a vida inteira e não me
achei pelo
que fui salvo.

O vidro do olho ... (Manoel de Barros)

A palavra sem intenção de poesia

vidro (*vi.dro*) **sm.** 1. Material sólido, transparente e quebradiço, fabricado a partir da fusão de quartzo, areia e outras substâncias.

A poesia tecida na palavra

Vidro

- M** Não era mais a imagem de uma cobra
de vidro que
fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
- C** ... nessa composição entram frascos e
frascos de vidro,
- A** De vidros verdes e cristais oblongos!

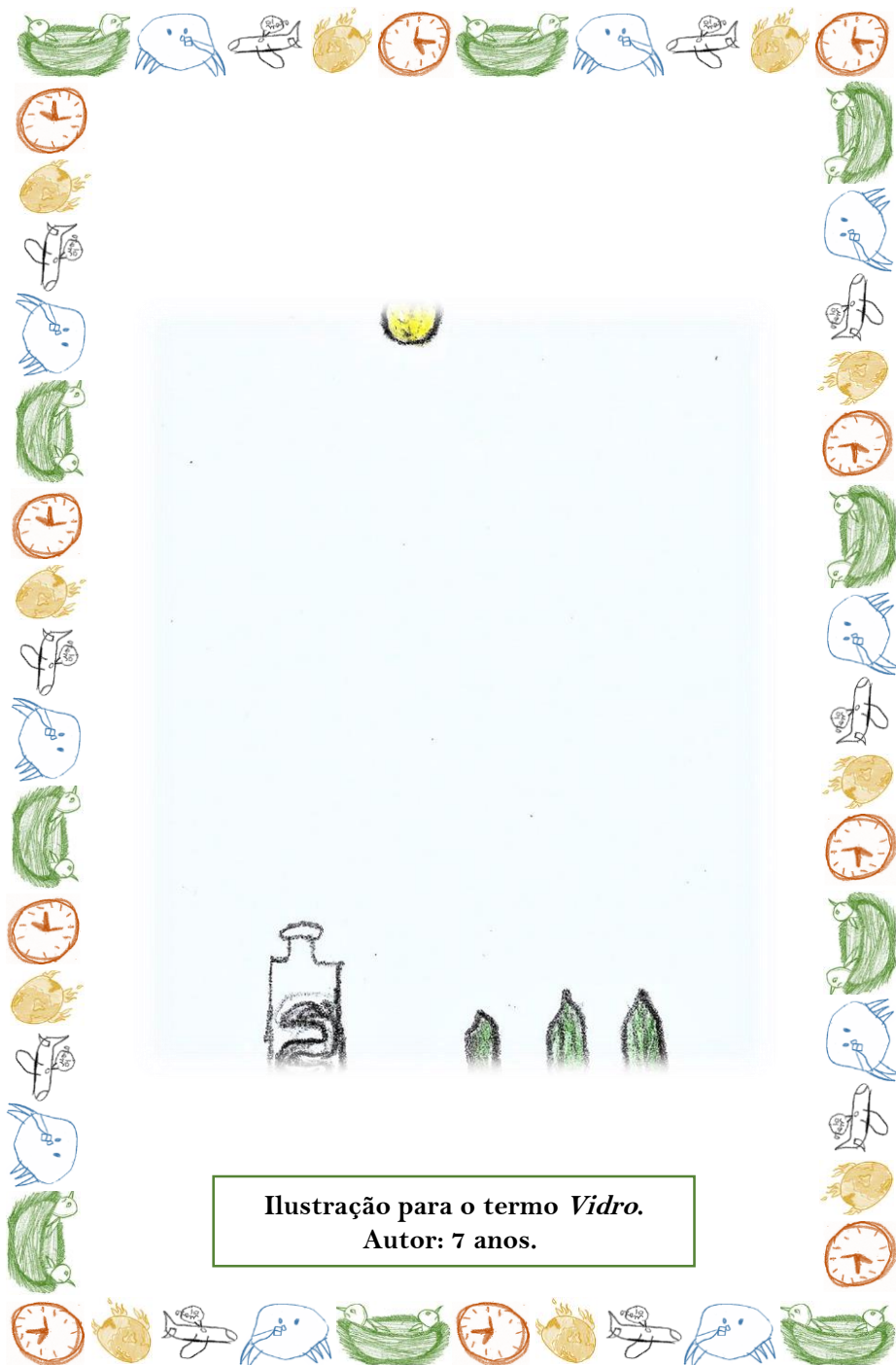


Ilustração para o termo *Vidro*.
Autor: 7 anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Organização de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

ANJOS, Augusto. Eu e outras poesias. Porto Alegre: L&PM, Coleção L&PM Pocket, 2002, v.148.

BARROS, Manoel de. Manoel de Barros: poesia completa. São Paulo: Leya, 2013.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. **Lexicografia e Terminografia**: alguns contrapontos fundamentais. Revista Alfa/UNESP, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. [1973].

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

DICAS

BIBLIOGRÁFICAS

ANTLOGA, D. C; SLONGO, I. I. P. Ensino de Ciências e Literatura Infantil: Uma articulação possível e necessária. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, IX ANPED SUL. **Anais...** Caxias do Sul, RS. UCS, 2012, p. 1-18.

CARVALHO, Fabiana A. **Biologia e cultura:** significações partilhadas na literatura de Monteiro Lobato. Ensaio, UFMG: v.9, n.2, dez. 2007. ISSN 1983-2117.

CARVALHO, Sílvia H. M.; ZANETIC, João. **Ciência e arte, razão e imaginação:** complementos necessários à compreensão da física moderna. Atas do IX EPEF. In: NASCIMENTO, Silvanía Sousa do; MARTINS, Isabel; MATTOS, Cristiano R.; HARRES, João B. Jaboticatubas, MG, n.9, 2004. ISBN 85-89064-03-4.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4 ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

D'ONOFRIO, S. **Pequena enciclopédia da cultura ocidental:** o saber indispensável, os mitos eternos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p.322.

FERREIRA, Fernando Cesar. **Arte: aliada ou instrumento no ensino de ciências?** Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.1, n.1: 1-12 jul. / dez. 2012.

FILHO, D. P. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007, p.12-17.

GOULART, C. M.; COLINVAUX, D.; SALOMÃO, S. R. A inserção do texto literário em aulas de ciências: definindo dimensões teórico-metodológicas de análise. In: MOREIRA, Marco Antonio. **Atas do IV ENPEC**. Bauru, SP, nov. 2003. ISBN 85-904420-1-2.

LIMA, M. C. B.; BARROS, H. L. DE; TERRAZAN, E. A. **Quando o sujeito se torna pessoa**: uma articulação possível entre Poesia e ensino de Física. *Ciência & Educação* (Bauru), v. 10, n. 2, p. 291-305, 2004.

LINSINGEN, L. V. **Literatura infantil no ensino de ciências**: articulações a partir da análise de uma coleção de livros. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARCODES FILHO, Ciro. **Peripécias de Humberto Maturana no país da comunicação**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 31, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/1108/831>>. Acesso em: 03 de outubro de 2015.

MARINHO, Marcelo; OLIVEIRA, M.; WILDNER, D.S. **Motivação do signo e antipoesia em Augusto dos Anjos**: a musical expressão do desconforto existencial. *Literatura em Debate* (URI), v. 5, p. 155-166, 2011

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A Árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas, SP. Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, H. **La realidad ¿objetiva o construida? fundamentos biológicos del conocimiento.** México: Anthoropos, 1996.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PORTO, Paulo Alves. *Augusto dos Anjos: ciência e poesia.* In: ***Química nova na escola.* n. 11, maio de 2000, p. 30-34.** Disponível em: <
<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc11/v11a07.pdf> >. Acesso em: 03 de outubro de 2015.

SEIÇA, S. B. **Utilização de textos literários no ensino da sustentabilidade na Terra.** 2013. 218f. Dissertação (Didática das Ciências) - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. 2013. Disponível em:<
<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9982>>. Acesso em: 02 de outubro de 2015.

SILOCHI, Josiane. **Aproximações entre literatura e ciência:** um estudo sobre os motivos para utilizar textos literários no ensino de ciências. 2014. 94f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Curitiba, 2014. Disponível em: <
[http://www.ppgecm.ufpr.br/Dissertações/043_JosianeSilochi.p](http://www.ppgecm.ufpr.br/Dissertações/043_JosianeSilochi.pdf)
df >. Acesso em: 03 de outubro de 2015.

ZANETIC, J. **Física também é cultura.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.

_____. Literatura e cultura científica. In: ALMEIDA, M. J.; SILVA, H. C. (Eds.) **Linguagens, leituras e ensino da ciência.** Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

ÍNDICE DE TERMOS

abelha, 29	humano, 96
água, 30	inseto, 101
alga, 33	lágrima, 102
ar, 34	lesma, 105
aranha, 35	líquido, 106
árvore, 36	lua, 107
átomo, 41	luz, 108
bichos, 42	mar, 110
boca, 45	mecânica, 111
cabeça, 46	natureza, 112
cabelos, 49	nervo, 114
calor, 50	osso, 115
caos, 52	ostra, 117
coração, 55	ovo, 119
corpo, 56	pássaro, 120
cristal, 61	perfume, 123
decomposição, 65	peso, 124
dente, 67	pétala, 125
doença, 71	planta, 126
espécie, 72	rio, 129
espelho, 73	rocha, 130
esqueleto, 74	sangue, 131
estrela, 77	selvagem, 132
febre, 78	som, 133
flor, 79	teia, 134
fogo, 80	tempo, 137
folha, 85	útero, 139
fóssil, 86	vegetal, 141
frio, 89	vida, 142
gelo, 90	vidro, 143
hora, 95	

SOBRE O AUTOR

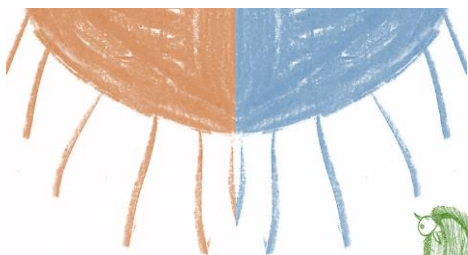


Sou **Thiago Alex Dreveck**. Pelo que me contam, nasci no dia nacional do livro (29 de outubro) no ano de 1986, em São Bento do Sul - Santa Catarina. Desde pequeno sou apaixonado pela poesia da reflexão e observação da natureza. Tanto que acabei por fazer licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, pela Faculdade Jangada, Jaraguá do Sul - SC.

Fiz especialização em Interdisciplinaridade: Teoria e Aplicabilidade Metodológica pela Univille, Joinville - SC.

Atuo como professor há uma década e no momento exerço docência em Ciências e Biologia em escolas da rede municipal de Jaraguá do Sul e em Campo Alegre, pela rede estadual de Santa Catarina. Sou coautor do livro didático-científico *Aves do Quiriri* (2011) e um dos autores dos livros de prosa e poesia *Estilho* (2014) e, *Poema de Gota Só* (2015). Atualmente transcorro em mim mesmo resvalando entre aulas, projetos e eventos de iniciação científica, prosas e versos.





*Hoje eu atingi o reino das imagens,
o reino da despalavra.*

*Daqui vem que todas as coisas
podem ter qualidades humanas.*

(Manoel de Barros)

